

Laelia purpurata e seu melhoramento

“Rainha das orquídeas! Para nós, orquidófilos do sul do Brasil, as outras serão sempre as “outras”! Cativante, apaixonante, escravizante! Quem por ela se apaixonar, jamais a abandonará! Imponente, majestosa, inconfundível!

É a *Laelia purpurata*!”

O texto acima, início de um artigo nosso, publicado na revista Brasil Orquídeas, em 2002, mostra com clareza que falar da *L. purpurata*, para nós, é mais um ato de paixão do que de razão. E isto é fácil de entender. Espécie natural do sul do Brasil, ela encontrou em Santa Catarina seu habitat perfeito. E aqui se diversificou em inúmeras variedades tanto em colorido quanto nos desenhos das pétalas e do labelo. Os primeiros orquidófilos, do início do século 20, eram na verdade “purpurateiros! Coleções e exposições tinham a participação apenas de *L. purpurata*. E, é claro, todas as plantas eram coletadas no abundante orquidário natural que eram as matas do litoral de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Essa prática durou até os anos 70, do século passado. Na década de 80 começaram a surgir às primeiras plantas de “laboratório”, olhadas com desprezo por alguns e com muita ansiedade por outros. Os primeiros com medo de verem suas coleções famosas, de uma hora para outra, superadas. Os outros, ansiosos para ter acesso às plantas raras, caríssimas e egoisticamente mantidas em pequenos círculos de orquidófilos mais velhos.

O progresso, entretanto, sempre foi inexorável! Em poucos anos surgiram centenas de plantas de qualidade jamais sonhada, superando tudo que a Natureza tinha fornecido até então, relegando muitas coleções famosas ao ostracismo.

Tivemos a sorte de acompanhar todo este desenvolvimento ao longo dos últimos trinta anos, participando ativamente do mesmo. Sendo desde cedo um apaixonado pela *L. purpurata*, não é fácil, como disse acima, falar dela sem usar um pouco de emoção.

Parte desta “emoção” é causada pelo melhoramento imposto à espécie nos inúmeros cruzamentos feitos nas últimas três décadas. Atualmente entrar numa exposição de *L. purpurata* é certeza de encontrar uma ou mais flores, tão especiais que ao vê-las se torna impossível não sentir aquele “frio na barriga” e um desejo urgente de tê-las na coleção!

Mas porque, para um purpurateiro, estas plantas são tão especiais? O leigo, ao visitar uma exposição, pode achar que todas as flores são iguais.

Mesmo alguns orquidófilos, que não acompanharam o melhoramento dos últimos anos, têm dificuldade de entender a paixão dos purpurateiros por estas plantas.

Para entender como foi este melhoramento vamos precisar de uma típica *L. purpurata* da Natureza, como esta da Figura 1: *Laelia purpurata* nativa.



Figura 1: *Laelia purpurata* nativa

Observem como já é uma flor bonita! Seu tamanho, haste floral, labelo púrpura e certa imponência lhe dão grande beleza natural!

É esta a forma que a Natureza selecionou em milhares e milhares de anos. Assim “magrinha” ela resiste bem à chuva, ao vento, aos

insetos e conta com um grande labelo para atrair os polinizadores. Geralmente vegetavam em árvores altas, como as figueiras da Figura 2 nos banhados do RS, mas também eram comuns em rochedos à beira mar, nos costões do litoral de SC.



Figura 2: *Laelia purpurata* na figueira

Apesar da grande maioria das plantas nativas terem forma ruim, uma ou outra, entre milhares, se destacava e atraía a atenção dos orquidófilos. Geralmente tinham flores com coloridos diferentes e segmentos florais mais planos e largos, menos “enrolados”.

As flores da Figura 1 mostram os maiores “defeitos” da *L. purpurata*, do ponto de visto do colecionador. Sépalas estreitas e enroladas, a dorsal fina na base e as laterais quase na horizontal, como se a flor estivesse “pulando a cerca”. Já as pétalas além de estreitas, são muito enroladas dobrando-se sobre si mesmas. O labelo é normal e muito bonito, como o de quase todas as plantas nativas.

Como transformar algo assim numa flor desejada pelos purpurateiros, como esta da Figura 3? Observem a mudança: sépalas largas e lisas, igualmente espaçadas. Pétalas também largas, arredondadas, formando um belo desenho com o labelo. Todos os segmentos florais em grande harmonia!



Figura 3: *Laelia purpurata* tipo

O problema é que esses detalhes que tanto nos agradam, não tem a mínima importância para a Natureza, sendo, portanto, recessivos na maioria dos casos.

Exceto o labelo, que quase sempre é perfeito!

Não à toa, no tempo das coleções formadas por plantas nativas, antes da década de 1970, muitos orquidófilos organizavam suas coleções e classificavam a *L. purpurata* dando importância quase somente ao labelo. Assim, lá pelos idos de 1950, havia mais de cem variedades de *L. purpurata* catalogadas.

Hoje temos apenas 27 variedades de acordo com o Regulamento de Exposições da Federação Catarinense de Orquidofilia.

Duas coisas tornaram possíveis termos plantas hoje com esta qualidade técnica: uma grande ajuda da Mãe Natureza, fornecendo algumas plantas especiais e a perseverança do ser humano, fazendo cruzamentos de uma espécie que podiam levar até dez anos para florir! Nos primeiros cruzamentos, quase sempre feitos de maneira aleatória, os resultados não foram nada animadores. Serviram, entretanto, para formar uma base de conhecimento e de seleção de matrizes.

Graças e este material genético selecionado e aos avanços da orquidicultura, em apenas duas gerações, a partir de três plantas nativas, conseguimos chegar à planta da Figura 3. As plantas foram a

“Milionária”, a “Campeira” e a “Jaime Carneiro”. Todas coletadas a pelo menos 40 anos atrás!

Também resultante destas matrizes é a planta da Figura 4, campeã da exposição de Florianópolis de 2006 e que dei o nome de “Claudio Deschamps”, homenageando ainda em vida o meu saudoso amigo de grandes viagens e longas conversas, sempre comentando sobre plantas e planejando cruzamentos.



Figura 4: *Laelia purpurata* tipo "Claúdio Deschamps"

Fruto de duas gerações também a partir de plantas nativas, é a *L. purpurata* alba “Carlos Gomes”, da Figura 5, (nomeada em momento de rara modéstia...), e a semi-alba “Campeã Garopaba 2005”, da Figura 6. Albas e semi-albas tiveram seu melhoramento prejudicado pela falta de boas matrizes e no caso das semi-albas, pelo fato da *L. purpurata* quase sempre ter a sépala dorsal rosada na parte traseira, motivo de eternas discussões em julgamentos.



Figura 5 : *Laelia purpurata* var. alba "Carlos Gomes"



Figura 6: *Laelia purpurata* var. semi-alba "Campeã Garopaba 2005"

Caso mais radical foi a planta da Figura 7, a *L. purpurata* “Ana Clara”, que floriu pela primeira vez como uma autêntica semi-alba, em 2003, florindo posteriormente sempre como tipo claro, ou seja, como um tom rosado claro nas sépalas e pétalas. Mesmo assim tem sido uma das nossas melhores matrizes, já tendo produzido plantas espetaculares, semi-albas e tipos, em terceira geração, como veremos mais adiante.



Figura 7: *Laelia purpurata* tipo "Ana Clara"

Também radical foi o caso da semi-alba da Figura 8, homenagem póstuma ao saudoso amigo. Fruto de um cruzamento entre uma semi-alba e uma tipo claro, ambas tetraplóides, a *L. purpurata* semi-alba “Memória Claudio Deschamps”, se tornou um marco nas semi-albas. Flor enorme para a espécie, com mais de dezesseis centímetros de largura, pétalas e sépalas largas e de um branco leitoso, com extrema substancia, que mantém a flor armada apesar do seu tamanho. Impossível olhar por ela e não ficar impressionado!



Figura 8: *Laelia purpurata* var. semi-alba “Memória Cláudio Deschamps”

Campeã da exposição de Brusque de 2010 encantou todos que a viram.

Suas filhas, já com quase dois anos, devem seguir a mesma linha produzindo semi-albas de boa qualidade.

Ainda em segunda geração, mas aparentando muito mais complexidade, surgiu uma planta que para nós é um divisor de águas na história da espécie: a *L. purpurata* “Magnífica”, da Figura 9.



Figura 9: *Laelia purpurata* tipo "Magnífica"

Antes dela, não acreditávamos que a *L. purpurata* pudesse chegar a tamanha perfeição!

Agora sabemos que não existem limites para o melhoramento, eles existem apenas na nossa imaginação. De fato, conseguir uma planta assim em “apenas” duas gerações é algo inacreditável, para quem conhece a espécie e as dificuldades para se corrigir os “defeitos” naturais dela.

Uma rara combinação de três plantas nativas em dois cruzamentos seguidos, com certo grau de parentesco, resultou numa planta tetraplóide, cuja forma beira à perfeição!

Produz quase sempre quatro flores bem espaçadas, de armação impecável e de segmentos tão planos que a flor parece “passada a ferro”.

Sua cor, de um rosa claro, possui leves estrias nas pétalas, largas e redondas. Suas sépalas formam um triângulo eqüilátero perfeito e o labelo, púrpura escuro completa o visual. O nome não poderia ser outro: “Magnífica”!

Alem disso é fértil e esperamos que suas filhas mantenham este padrão de rara beleza.

Na linha das “vermelhas”, ou seja, sanguíneas, rubras, flâneas, estriatas e venosas, a evolução foi muito grande nas últimas décadas.

O trabalho inicial se deve ao médico e orquidófilo gaúcho Dr. Walter Haetinger, falecido na década de 1980, que trabalhou a vida inteira no melhoramento da *L. purpurata*, obtendo maior sucesso nas “vermelhas”. Infelizmente a orquidofilia daquela época era extremamente restritiva, ficando as plantas boas sempre nas mãos das mesmas pessoas.

O maior prazer dessas pessoas era ser o único possuidor de determinada planta. Assim, muitas plantas extraordinárias que poderiam ser ótimas matrizes, encontraram o fim nas mãos egoístas desses orquidófilos, quase sempre péssimos cultivadores.

Quando já na década de 1990, algumas plantas começaram a ser negociadas fora deste círculo restrito, tivemos acesso a algumas plantas de longa data desejadas e para as quais já tínhamos muitos cruzamentos planejados.

Algumas delas foram adquiridas a peso de ouro!

De posse deste material genético começamos os cruzamentos e logo nas primeiras plantas que floriram tivemos a confirmação de nossas idéias.

As fotos a seguir mostram flâneas e sanguíneas saíram de dois cruzamentos feitos com quatro plantas compradas na época, entre muitas oriundas de cruzamentos do Dr. Haetinger. No início deste milênio o resultado de todo este investimento começou a aparecer e uma verdadeira “maré vermelha” tomou conta do nosso orquidário, com dezenas de flores. Algumas superando nossas melhores expectativas,

como a *L. purpurata* flânea “La purpurata”, da Figura 10 e a flânea “Saci Pererê” da Figura 13. Flores de cor púrpura vivo e de excelente forma que sempre chamam a atenção, mesmo de leigos no assunto.



Figura 10: *Laelia purpurata* var. flânea “La purpurata!”



Figura 11: *Laelia purpurata* var. sanguinea "Chimba"



Figura 12: *Laelia purpurata* var. flâmea



Figura 13: *Laelia purpurata* var. flâmea "Saci Pererê"

Na floração de 2011 uma planta desta linhagem viria nos surpreender! Mesmo com muitas plantas excelentes, um novo cruzamento logo nas primeiras plantas daria esta sanguínea maravilhosa, a *L. purpurata* sanguínea "Priscila", Figura 14. De colorido púrpura intenso, flor grande e forma arredondada, ela encantou todos que a viram!



Figura 14: *Laelia purpurata* var. sanguinea "Priscila"

Nos últimos dois anos temos visto florir a terceira geração de nossas linhagens de *L. purpurata*. Linhagens porque sempre que possível seguimos uma linha de cruzamentos com determinados objetivos, utilizando um pequeno grupo de plantas com certo grau de parentesco, de modo a fixar as características desejadas. Sendo as orquídeas de modo geral produzidas na Natureza por fecundação cruzada, sua carga genética é extremamente diversificada.

Deste modo, para se fixar determinadas características em poucas gerações, só mesmo utilizando-se a consangüinidade.

Isto tem dado certo tanto nas *L. purpurata* quanto nas *C. intermedia* e *C. leopoldii*, onde também já estamos em terceira e quarta geração de cruzamentos, sempre obedecendo nossos critérios de linhagens.

Cruzamentos aleatórios, mesmo entre plantas de boa qualidade podem até produzir algumas plantas boas, mas o número é sempre

reduzido, frustrando a maioria daqueles que compram apenas meia dúzia de “seedlings” e principalmente o hibridador.

Trabalhando com linhagens e objetivos definidos, não só os resultados são melhores como também a quantidade de plantas boas ou excepcionais é muito maior.

Mantendo-se a consangüinidade sobre controle, podem-se fixar as características desejadas, somando-se o melhor de cada planta do conjunto escolhido. Na verdade o resultado foi muito mais rápido do que imaginávamos!

A terceira geração mostrada a seguir, dá uma idéia desta evolução e do que se pode esperar nos próximos anos.

As fotos a seguir são de plantas filhas de nossos cruzamentos de segunda geração. Podemos observar que a maioria dos defeitos foi eliminada, atingindo-se o objetivo de se produzir flores com segmentos planos, arredondados e com harmonia geométrica.



Figura 15: *Laelia purpurata* tipo "Campeã Tijuca 2010"



Figura 16: *Laelia purpurata* "Obra-prima"

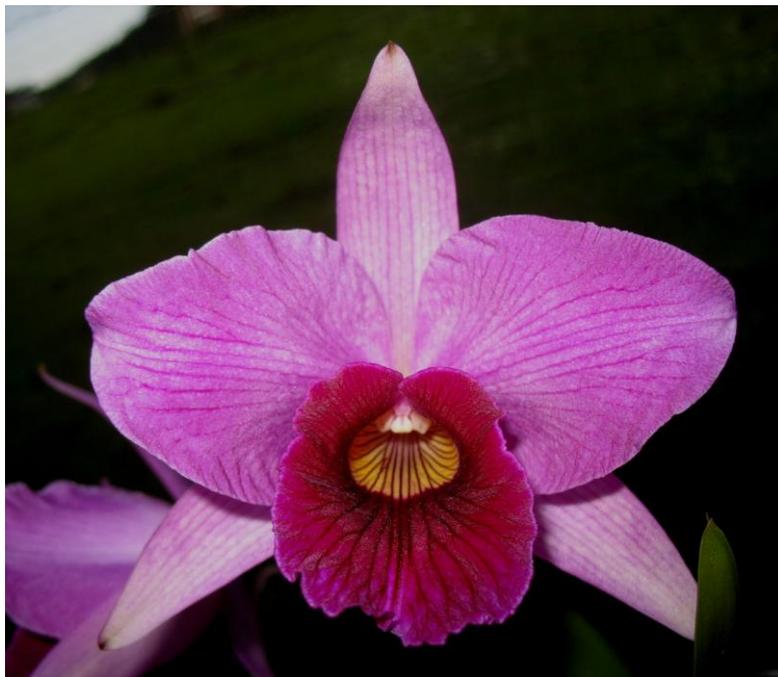


Figura 17: *Laelia purpurata* tipo "Campeã Orleans 2010"

Foram “apenas” três gerações, utilizando-se um pequeno grupo de matrizes, a maioria plantas nativas. Este resultado nos anima a prosseguir, tendo como objetivo agora, a precocidade, a facilidade de

cultivo e resistência a pragas e a criação de novas variedades tanto de colorido quanto de forma de colorido.

Conquistados os primeiros objetivos, percebemos que apenas “arranhamos” a casca do melhoramento genético da *L. purpurata*. Muito ainda há para se fazer em diversas variedades, mais difíceis de melhorar, seja pela escassez de matrizes seja pela dificuldade de se fixar as características desejadas.

Mas nada que a perseverança não resolva!



Carlos Gomes

Florianópolis – SC – 2011

Orquidário Carlos Gomes

www.orquidariocarlosgomes.com.br